

HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRAJETÓRIAS: MATINHA DOS PRETOS/FAZENDA CANDEAL NAS FONTES JUDICIARIAS E CARTORIAIS (1854-1950)

Railma dos Santos Souza¹; Lucilene Reginaldo²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: railmass@gmail.com
2. Orientadora, Professora Adjunta do DCHF-UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: lureginaldo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: ESCRAVIDÃO; TRAJETÓRIAS DE VIDA; HISTÓRIA SOCIAL; FONTES HISTÓRICAS

INTRODUÇÃO

Historiadores e antropólogos vêm se debruçando sobre aspectos diversos das experiências do povo negro na Bahia no pós-abolição. Focando nas ações e reinvenções das tradições africanas, estes estudos acumularam um grande conhecimento sobre religiosidade, família, relações raciais, formas de resistência, inserção no mercado de trabalho e identidades étnico-raciais. Mais recentemente historiadores atentos a particularidades econômicas e socioculturais também tem se interessado pelo contexto da abolição na Bahia.

Walter Fraga Filho, através da metodologia do cruzamento de fontes, analisa as trajetórias de escravos/as e libertos/as dos engenhos do Recôncavo baiano. Nesse sentido, a análise de indícios presentes em processos crimes, testamentos, inventário, documentos pessoais e jornais da época possibilitou ao autor compreender como os laços de solidariedade construídos durante o cativeiro foram preservados e ampliados no pós-abolição. Em seu trabalho Fraga destaca as expectativas dos libertos na busca pela autonomia. Assim, revela-nos que a possibilidade de possuir terras e distanciar-se das formas de sujeição inerentes à condição escrava contribuiu para que muitos libertos optassem em “migrar para outras localidades em busca de trabalho, ou para romper com os antigos vínculos que os ligavam aos ex-senhores como uma forma de efetivar a liberdade”. Enfatizando como no recôncavo baiano, no pós abolição, as idéias de liberdade e acesso à terra se fundiam na cabeça dos recém libertos/as, através da reivindicação pela posse das terras as quais alguns tinham direito ao cultivo para a subsistência no período escravista Mesmo o recôncavo, que foi objeto de inúmeros estudos sobre seu passado, ainda aguarda estudo sistemático sobre as populações egressas do cativeiro. (FRAGA FILHO, 2006)

Notadamente, os trabalhos sobre a experiência da escravidão na Bahia, concentram-se em sua maioria na capital do Estado e Embora, caiba ressaltar que a partir de meados da década de 1990, houve um aumento considerável dos trabalhos historiográficos que tratam da escravidão no sertão baiano, bem como na cidade de Feira de Santana, em consonância com a visão do escravizado enquanto sujeito, inaugurada a partir da década de 1980.

A comunidade de Matinha dos Pretos surgiu a partir da Fazenda Candéal, propriedade registrada em nome de José Vitorino de Oliveira, em 1854. A viúva deste, Maria Alvina de Oliveira casa-se pela segunda vez com João Justiniano Ferreira Bastos, sua filha Elvira Bastos de Oliveira, casa-se com Antônio Alves de Freitas Borja, que por ser o mais recente proprietário da fazenda e ter um filho de mesmo nome, Dr. Antônio

Alves de Freitas Borja, está mais presente nas memórias da comunidade. Nas memórias da comunidade sobre a origem do povoado emergem narrativas sobre revoltas cotidianas contra a escravidão: colocar cobras dentro das botas, sob as camas, colchões e cobertas de seus senhores; ou fugindo e escondendo-se numa área de mata cerrada e pequena, a matinha, daí a provável origem do nome Matinha dos Pretos. (NASCIMENTO, 1997) Assim, segundo a tradição oral a formação da comunidade remonta ao período da escravidão e da resistência a esta. Os relatos dos moradores definem a Matinha como um quilombo, do século XIX até meados do século XX.

Há na memória local a existência de uma epidemia de peste bubônica em 1922 na localidade de Jacu, pertencente ao atual de distrito de Matinha. Segundo as memórias locais, temerosa da doença, uma moradora da região fez uma promessa à São Roque: se a epidemia não se alastrasse até a comunidade de Matinha esta mandaria fazer um cruzeiro em sua homenagem. Não chegando a epidemia até a localidade, a moradora, identificada na memória local por D. Antônia, cumpriu com a sua promessa, o que levou à seqüente fundação da capela da Matinha e a construção de casas aos redores, núcleo original da atual comunidade de Matinha, sede do distrito de mesmo nome.

Os moradores referem-se ainda a um conflito acerca da posse da terra, ocorrido na década de 1970, entre moradores da comunidade de Candéal e um dito proprietário das terras da localidade, que resultou no assassinato de um dos moradores e prisão de alguns outros, conflito que teve como desdobramento a conquista da posse da terra pelos moradores da localidade.

Assim, a presente proposta de trabalho busca realizar cruzamentos de documentos do judiciário (processos crimes e cíveis); notariais (registros de compra e venda de bens, casamento, óbito, nascimento); eclesiásticos (registros de batismos) e do legislativo (atas, leis, etc.) e fontes orais. O objetivo principal é identificar os sujeitos escravizados e egressos da escravidão, bem como seus descendentes, e as relações estabelecidas entre estes e os proprietários da Fazenda Candéal durante o período compreendido entre 1854 e 1950.

METODOLOGIA

O trabalho desenvolveu-se utilizando-se do acervo histórico do poder judiciário da Comarca de Feira de Santana, que encontra-se disponível para a consulta de pesquisadores no Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana - CEDOC. A pesquisa também teve como foco a documentação acerca da localidade de Matinha e da Fazenda Candéal, existente no Arquivo Público do Estado da Bahia (APB), no Arquivo Público Municipal de Feira de Santana (APMFS), na Câmara Municipal de Vereadores, no Arquivo Diocesano de Feira de Santana. O acervo de entrevistas com moradores da localidade, sob a guarda do Museu Casa do Sertão/UEFS, bem como o acervo oriundo da execução do plano de trabalho que desenvolvemos no ano de 2010, também foram contemplados pela pesquisa.

Faz-se interessante para a realização da presente proposta de trabalho a metodologia da ligação nominativa, proposta por Slenes (1985, 1996) e, mais recentemente utilizada por Walter Fraga (2006). O autor buscou cruzar os nomes dos sujeitos encontrados em diferentes tipologias documentais a fim de traçar trajetórias de vida, individuais e familiares, dos escravos e egressos do sistema escravista. Assim, a proposta metodológica do presente trabalho consiste da análise dos documentos acima citados e no cruzamento das informações neles existentes a fim de reconstituir aspectos

do cotidiano, das lutas sociais, e histórias de vida da comunidade de Matinha dos Pretos.

O trabalho de Mattos e Rios¹ nos forneceu importantes dicas metodológicas em torno do trabalho com comunidades negras rurais de egressos do cativo. O livro tem importante relevância ao dar voz aos descendentes dos/as escravizados/as. Embora as autoras reconheçam que o interesse em ouvir o ponto de vista do/a cativo/a no Brasil se dá tardiamente, já no fim da década de 1980, próximo de completar um século da abolição da escravidão². Hebe Mattos afirma que em trabalho realizado com descendentes de escravizados em comunidades negras rurais do Vale do Paraíba paulista, houve dificuldade em identificar a memória da escravidão, pois 1/4 dos entrevistados inicialmente não tinha essa memória, em alguns casos esta era negada com a afirmação da ascendência de senhores de escravos brancos.

As autoras utilizaram diferentes metodologias para o desenvolvimento do trabalho. Foram elas: o uso de roteiro basicamente genealógico, baseado no método usado pela Antropologia, a narrativa tinha seu fio condutor nas relações de parentesco; perguntas concentradas tematicamente na existência de uma memória do cativo e nas experiências dos entrevistados no imediato pós-abolição ou ainda entrevistar três gerações de uma mesma família. Essa última metodologia torna-se mais interessante para a realização do presente trabalho, posto que no caso da Matinha, comumente os mais velhos negam qualquer vínculo familiar com o período da escravidão, já os mais novos – em especial quando têm um maior grau de instrução, geralmente influenciados pelos movimentos sociais/sindicais e o movimento negro – falam enfaticamente do pertencimento a comunidade à memória da escravidão, como é o caso do morador da Matinha Galdino Oliveira de Souza, 30 anos³ que afirma: *“Eu estou também investigando, mas a gente pode ter certeza que a Matinha foi refúgio de escravos (...) e é isso que o povo tem que saber, tem que saber de onde veio”*⁴

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A cidade de Feira de Santana teve sua história constituída a partir da centralidade enquanto local de passagem de boiadas e vaqueiros. Desde o início da década de 1990 a cidade de Feira de Santana tem seu lugar ampliado enquanto objeto de trabalhos acadêmicos que buscam tratar da história da cidade e, por vezes da experiência da escravidão. Mais recentemente, a escravidão vem tomando maior importância nos estudos realizados por historiadores formados na UEFS.

¹ RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

² Idem, p. 30.

³ Galdino, conhecido como Guda é um dos líderes do grupo de samba de roda local Quixabeira da Matinha e também da Associação Cultural Coleirinho da Bahia, nome dado em memória à seu pai, que fora o fundador do grupo, falecido no ano de 2005.

⁴ Trecho da entrevista concedida por Galdino Oliveira à Frederico Sento Sé. In: SENTO SÉ. Op. Cit.

Freire buscou analisar a construção das riquezas na cidade a partir do trabalho escravo que se constituiu como forma de trabalho predominante nas fazendas de gado devido à prática da policultura que predominava na cidade. A privilegiada localização geográfica da cidade, “às portas do sertão”, possibilitava o desenvolvimento das mais diversificadas atividades agrícola como o tabaco, a cana de açúcar, a algodão e a mandioca. (FREIRE, 2007).

O trabalho de Nascimento é um dos mais recentes sobre o tema, no qual se utilizando basicamente de fontes do Poder Judiciário, disponíveis em arquivos como APB, FDFB, CEDOC-UEFS, entre outros referentes à cidade de Feira de Santana. A autora utiliza-se do cruzamento dos dados obtidos a fim de identificar tal cidade não apenas enquanto território de intenso trânsito de gados, mas também como território de relevância no comércio de escravizados/as para atender a demanda regional e interprovincial, revelando assim a importância da cidade integrada às redes do tráfico interno, após 1850, relata ainda, a partir da documentação analisada o cotidiano das mulheres escravizadas na região de Feira de Santana bem como as estratégias de resistência a escravidão elaborada por estas. (NASCIMENTO, 2009).

No cenário aberto dos novos estudos sobre a escravidão é importante destacar o rico acervo disponibilizado pelo projeto “Cativos às portas do sertão: fontes para a história da escravidão e das populações negras em Feira de Santana e Região” www.uefs.br/cativosdosertao.

Com o uso da metodologia da ligação nominativa, foram encontrados seis inventários, dois testamentos, uma ação de usucapião e um arrolamento, referentes à Fazenda Candéal e a atual região de Matinha. Neles foi possível perceber aspectos do cotidiano da Fazenda Candéal, uma fazenda escravista e policultora da cidade de Feira de Santana, localizada no então distrito de São José das Itaporocas, bem como as trajetórias de vida dos/as ex-escravos/as da fazenda no pós-abolição. Pode-se perceber à partir da análise dos documentos acima citados, que a fazenda Candéal, no período compreendido entre 1854 e 1882, passou com diversas gerações de uma mesma família. Ficando por fim em mãos do Sr. Antônio Alves de Freitas Borja, que conforme análise dos documentos, teve diversos filhos naturais, sendo a maioria deles, com possíveis ex-escravos da sua fazenda. Podemos ainda perceber as disputas em torno da posse das terras dessa fazenda entre os filhos naturais do Sr. Antônio Alves, evidenciadas a partir da análise da ação de usucapião

Sobre o cotidiano desta fazenda durante o século XIX, pode-se notar que era uma fazenda relativamente pequena, tendo no inventário, datado de 1854, um número de aproximadamente trinta escravos. O número de cativos diminuiu ao longo da segunda metade do século XIX, como atesta o inventário de início da década de 1880, a década da abolição.

A análise desta documentação nos leva a pensar sobre as diferentes formas e os diferentes “marcos” de fundação, a partir dos quais a localidade de Matinha aparece nas fontes do Judiciário e na memória dos moradores da localidade.

Assim, o presente trabalho buscou percorrer, através das fontes arquivísticas, os diferentes caminhos que levaram à formação da atual Matinha. Explorando aspectos do cotidiano dos escravizados na Fazenda Candéal, durante o século XIX, bem como as trajetórias de vida dos/as moradores/as da localidade, a fim de contribuir para a historiografia da escravidão e dos egressos do cativeiro, bem como seus descendentes em Feira de Santana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou contribuir para a história das populações negras em Feira de Santana. Iniciando uma busca, ainda que árdua e tardia, da reconstituição do cotidiano escravista da Fazenda Candéal. A partir da análise, mesmo que superficial, das características do trabalho escravo empreendido na fazenda e mesmo dos possíveis laços familiares estabelecidos entre os pertencentes à realidade da Fazenda Candéal de ontem, com os/as atores sociais das atuais comunidades de Matinha e Candéal.

Assim, o presente trabalho buscou percorrer, através das fontes, os diferentes caminhos que levaram à formação da atual Matinha. Explorando aspectos do cotidiano e das trajetórias de vida dos/as moradores/as da localidade, a fim de contribuir para a historiografia da escravidão e das poluções descendentes dos escravizados (as) em Feira de Santana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade**: histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2006.

FREIRE, Luiz Cléber Moraes. **Nem Tanto a Terra, Nem tanto ao Mar**: terra, gado e escravidão no Vale do Jacuípe (1833 – 1888). (dissertação de mestrado), UFBA: Salvador, 2007.

LIMA, Zélia Jesus de. **Lucas Evangelista**: o Lucas da Feira estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana. (dissertação de mestrado) - UFBA, Salvador, 1990.

NASCIMENTO, Maria Ângela Alves do. **As Práticas Populares de Cura no Povoado de Matinha dos Pretos-BA**. Tese de Doutorado, USP, Ribeirão Preto/ São Paulo, 1997.

NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro, **E as mulheres da Terra de Lucas?** Quotidiano e resistência de mulheres negras escravizadas (Feira de Santana, 1850-1888). TCC em Lic. em História, UEFS, Feira de Santana/BA, 2009.

POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Bahia: Editora Itapuã – Coleção Baiana, 1968.

REIS, João José. **Liberdade por um fio**: historia dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIOS, Ana Lugão; **MATTOS**, Hebe Maria. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SENTO SÉ, Frederico Nascimento. **Memórias da Matinha**. TCC em Licenciatura em História, UEFS, Feira de Santana/ BA, 2009.

SLENES, Robert. “Escravos, cartórios e desburocratização: o que Rui Barbosa não queimou será destruído agora? In: Revista brasileira de história. São Paulo, v. 5, n. 10, 1985.

_____, Robert. “Histórias do Cafundó”, in: VOGH, Carlos e FRY, Peter. **Cafundó, a África no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp/Companhia das Letras, 1996.